

Morro

Claudia Lundgren

O morro acorda cedo, espreguiça-se.

Morro sinestésico, aromático. De algumas casas exala o cheiro do café recém-coado e da comida da marmita do trabalhador sendo esquentada; de outras, a fedentina alcoólica de alguém que, trôpego, acabou de chegar da barraca.

Morro colorido, multicolor. O azul misturando-se ao verde, ao amarelo, ao branco; uma tela abstrata de cores aleatórias. O morro, sempre um adolescente em fase de crescimento. Seria o Céu seu limite?

O choro das crianças, das mulheres; o grito por socorro. A música em alto volume. Os meninos brigando, xingando, em contraste com outros querendo somente paz para conseguir estudar.

O morro gargalha, comemora o gol, solta pipa, fofoca nas escadas. O morro também chora; é a bala perdida, o tráfico. A violência física e psicológica; o tapa na cara, a humilhação, a vergonha, o medo que provém da ameaça. É a sirene, é a prisão.

O morro é morte, o morro é vida.

A noite chega, e tal qual Céu estrelado, o morro acende suas luzes de variadas intensidades. E dorme tarde.

A V L

Academia Volta-redondense de Letras

Claudia Lundgren (2021)

Crônica

